

# A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES (AS) DE GEOGRAFIA DAS ESCOLAS DO CAMPO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DO CEARÁ VINCULADAS AO MST

**Cinira Ricardo Cordeiro<sup>1</sup>**

**Marize Luciano Vital Monteiro de Oliveira<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG/UVA); E-mail: [cinira\\_geografia@hotmail.com](mailto:cinira_geografia@hotmail.com), <sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Geografia - CCH- UVA. E-mail: [marizevital@gmail.com](mailto:marizevital@gmail.com)

## **Resumo**

O presente resumo busca expor os resultados iniciais de uma pesquisa que está sendo realizada no Mestrado Acadêmico em Geografia/UVA e que tem o objetivo de analisar a formação dos educadores (as) de geografia que atuam nas escolas do campo vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no estado do Ceará. Metodologicamente, partindo de uma análise crítica da realidade, procuramos trazer uma abordagem qualitativa dos conceitos e sujeitos históricos envolvidos, correlacionando teoria e realidade – no caso, através das observações e da participação durante as semanas pedagógicas e os encontros estaduais de educadores (as) da reforma agrária no estado do Ceará, bem como das análises dos questionários aplicados. Em uma relação dialógica, busca-se contribuir para o debate em torno do tema e subsidiar, se possível, a construção de novos conhecimentos para a educação geográfica e a formação de educadores (as) de geografia das escolas do campo.

**Palavras-chave:** Formação de educadores (as); Educação do Campo; Ensino de Geografia.

## **Introdução**

O educador comprometido com a docência possui como meta constantemente refletir sua prática e melhorá-la. Nesse sentido, percebe a importância e a necessidade de formação contínua através de cursos de pós-graduação, capacitação e qualificação profissional; das atividades cotidianas na escola; entre outros.

A proposta de educação do campo é um desafio para os educadores (as) que atuam nas escolas do campo na educação básica, seja no ensino fundamental ou no ensino médio. Com intuito de compreender como está ocorrendo esse processo por novas formas de ensinar e que tem como argumento principal a formação humana no discurso dos educadores (as) das escolas do campo vinculadas ao MST do estado do Ceará, a educação do campo emerge como pauta da luta pela terra e por direitos fundamentais para viver com dignidade, e também como tema e estudo da geografia. A formação dos educadores (as) da área nessas escolas é tema específico, complexo e novo. Daí a

inquietação em desvelar esse processo em movimento, compreendê-lo e apreendê-lo à luz da política de educação e do chão dessas escolas, campos de atuação desses educadores (as).

No Ceará, a questão da educação do campo nasce no bojo da luta por educação com o MST em todo o país, a partir de 1990. Pode-se afirmar que as conquistas e o fortalecimento se materializam em 2007, com o governo Cid Gomes, de certa forma alinhado à esquerda, contribuindo, assim, para o diálogo com os movimentos organizados – neste caso, com o MST –, resultando no compromisso e na construção das escolas de ensino médio do campo em assentamentos de reforma agrária. Em 2011, entraram em funcionamento as primeiras escolas de ensino médio do campo. Hoje funcionam sete escolas, sendo elas: EEM João dos Santos, conhecida pelos camponeses como “João sem Terra”, em Madalena, assentamento 25 de Maio; EEM M<sup>a</sup> Nazaré de Sousa, em Itapipoca, assentamento Maceió; EEM Francisco Araújo Barros, em Itarema, assentamento Lagoa do Mineiro; EEM Pe. José Augusto Régis Alves, Jaguaretama; EEM Florestan Fernandes, Monsenhor Tabosa, assentamento Santana; EEM José Fidelis de Moura, Santana do Acaraú, assentamento Bomfim Conceição; EEM Patativa do Assaré, Canindé, assentamento Santana da Cal. Estão em construção mais quatro escolas; destas, duas entrarão em funcionamento em 2017.

## **Material e método**

Amparando-se no materialismo histórico dialético, busca-se analisar as estruturas e os processos a partir dos sujeitos sociais e de suas relações com a práxis, procurando ir além da aparência dos fenômenos e buscando sua essência. Por isso a relação entre teoria e empiria, sujeito e objeto é fundamental (NETO, 2011). A pesquisa iniciou em 2014, com bolsa da PROEXT/UVA/MEC para a formação de educadores (as) em assentamentos da reforma agrária, possibilitando o contato com o tema e criando uma identidade com a proposta de educação do campo, que culminou com o Trabalho de Conclusão de Curso com a licenciatura em geografia/UVA, ao analisar a educação do campo a partir da Escola de Ensino Médio do Campo Francisco Araújo Barros, em Itarema. A necessidade de aprofundamento sobre um tema novo, pouco conhecido na realidade cearense, foi atendida através do mestrado em geografia, tendo o recorte temático na formação dos educadores (as) em geografia e o espacial definido a partir das escolas de ensino médio do campo em assentamentos de reforma agrária, temporalmente de 2007 aos dias atuais.

Nesse período, foi possível participar, nos anos 2013, 2014, 2015 e 2016, de quatro semanas pedagógicas de formação dos educadores (as) das escolas do campo vinculadas ao MST e de dois encontros estaduais de educadores (as) da reforma agrária no estado do Ceará, três semanas

pedagógicas específicas da escola – em todas com efetiva participação, contribuindo com a sistematização de atividades, entre outros. Isso possibilitou, em 2016, a aplicação de 60 questionários com os educadores (as) de todas as áreas do conhecimento, revisão bibliográfica e documental, visando principalmente apreender a concepção de educação do campo pelo movimento e ter as primeiras visões sobre a formação deles.

## **Resultados e Discussões**

Entendemos que a formação de educadores (as), a conquista das escolas em territórios camponeses, os enfrentamentos, etc. são ações históricas dos indivíduos, educadores (as) do campo, que precisam ser analisadas a partir da existência deles, das políticas públicas de educação e de uma investigação qualitativa sobre a realidade estudada. São muitos desafios para os educadores (as), visto que eles precisam conciliar constantemente os conhecimentos da formação inicial (graduação) com as novas propostas de educação do campo (formação continuada) diante de diferentes possibilidades que passam a existir: novas teorias, novos conhecimentos, novas metodologias de ensino; mudanças, retrocessos e avanços. Refletir, agir e transformar a realidade do campo, vista como o lugar de atraso, é um dos grandes desafios para os educadores (as) dessas escolas, secularmente esquecidas na história da educação do Brasil. Analisar essa dinâmica de desafios e dificuldades é necessário para compreender esse processo conflituoso entre a educação hegemônica e a nova maneira de ensinar, sendo, dessa forma, educação contra-hegemônica.

A proposta de educação do campo no MST se pauta por educar para formar sujeitos de sua história, educar para ler a realidade e modificá-la. Os conteúdos são essenciais para o aprendizado, mas, na escola do campo, o principal objetivo é a formação do ser humano, o que podemos comprovar no fato de que em todas as formas de educação todos (as) aprendem coletivamente em todos os momentos e espaços, compreendendo que “a educação autêntica, repetamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizado pelo mundo” (FREIRE, 2013, p.116). Um dos grandes problemas para a efetivação da proposta quando se trata dos educadores, de acordo com os questionários, é o problema da rotatividade. Mais de 60% não são efetivos, e sim profissionais com contrato temporário, não conhecedores da proposta e muitas vezes sem identidade com o campo e com o projeto de educação do campo. Essa é uma situação inerente também aos educadores (as) do componente curricular geografia. Portanto, os desafios são constantes e, a cada ano, a formação deve explicar o que é essa proposta de educação do campo e os limites para sua efetivação. Aplicar os princípios da educação do campo – que são o trabalho, a cultura, a luta social e a história – é o grande desafio.

Nas formações dos educadores (as) do campo, organizadas pelo MST em parceria com a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), através das Coordenadorias Regionais de

Desenvolvimento da Educação (CREDES), ressaltamos o discurso do MST sobre o perfil do educador (a) de uma escola do campo, destacando como foco principal para esse profissional a formação humana omnilateral, assim definido por FRIGOTTO (2012, p. 267):

*Omnilateral* é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico.

O educador (a) ensina, em geral, o que foi apreendido na sua formação inicial. Nesse sentido, a formação inicial tem sua parcela na disseminação da pedagogia hegemônica ou contra-hegemônica. A educação do campo tem como proposta essencial a formação omnilateral, que forme seres humanos que compreendam sua posição e função histórica nesse sistema capitalista, um novo homem e uma nova mulher, para formar um novo país e outra sociedade, menos competitividade e individualismo, com menos injustiça. Nesse sentido, a educação deve incentivar o ser humano a desenvolver suas dimensões intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetiva, estética e lúdica.

Nas observações afirmamos que a forma e as conquistas para a realização das formações dos educadores (a) das escolas do campo são fruto da luta e do confronto, desde as semanas pedagógicas e outros eventos idealizados pelo setor de educação do campo, educadores (as), educandos (as), técnicos etc. No caso específico dos educadores (as) das escolas do campo em assentamentos de reforma agrária, essas formações antecederam o funcionamento das primeiras escolas, exemplo de resistência e construção de outro modelo de educação do campo, que, para CALDART (2007, p.02):

A materialidade de origem (ou de raiz) da educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação. É a relação, na maioria das vezes, tensa, entre estes termos que constituem a novidade histórica do fenômeno que batizamos de Educação do Campo [...]

Como avançar na educação do campo? É necessário que todos os envolvidos, educadores e educandos, construam objetivos pautados na melhoria da educação para a classe trabalhadora, que, ao planejar, organizar e executar seus anseios, desejos, necessidade, objetivos e metas, deve construir isso coletivamente, por meio da necessidade de qualidade e melhoria da educação, através do diálogo, de parcerias, críticas, soluções articuladas entre movimento social e Estado/estado. Durante os encontros de educadores (a) todos recebem formação para compreender o que é essa proposta de educação para a classe trabalhadora.

Portanto, a formação continuada proporcionada pelo setor de educação do MST contribui para a compreensão da conjuntura política e educacional. Nesses encontros ocorre a socialização de conhecimentos e experiências que possibilitam a construção de novos conhecimentos.

### **Considerações Finais**

Nosso percurso inicial nos revelou algumas constatações baseado nas leituras das obras, nos encontros estaduais de educadores e educadoras do campo, nas semanas pedagógicas das escolas do campo e nas visitas às escolas de ensino médio dos assentamentos de reforma agrária do MST.

A resistência, a organicidade, o trabalho coletivo dos educadores (as), a participação dos jovens e dos assentados são frutos da história de seu próprio povo, que lutou para permanecer na terra e pela conquista de outros direitos, como o direito à educação de qualidade nos territórios camponeses, materializada a partir da escola como uma instituição social.

As formações inicial e continuada estão alinhadas à proposta de educação do campo. Apesar de esta ser um debate recente, muito já se tem produzido pelos autores que discutem as questões do campo e que propõem uma outra concepção de educação e que se vincule aos camponeses, ao trabalho e ao modo de vida camponês.

### **REFERÊNCIAS**

- CALDART, R. S. Sobre educação do campo. In: Santos, C. A. (org.). Educação do campo: campo – políticas públicas – educação. Brasília: Incra/MDA, 2007. p. 67-86.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In: Dicionário de educação do Campo. Org. 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 54.ed.rev. e atual - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. – 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.